

Artigo – Seção Estado, Organizações e Sociedade

Assédio Sexual: O Poder do Macho na Universidade

Bianca Schimdt de Sá¹
Maycon Douglas Folriani²
Universidade Estadual do Paraná
Adriana Vinholi Rampazo³
Universidade Estadual de Londrina

RESUMO

Na presente pesquisa buscou-se analisar os aspectos da experiência do assédio sexual vivenciadas por alunas dentro da universidade durante suas graduações, tomando como base a questão da relação de poder da hierarquia de gênero socialmente construída. Dessa forma, foi possível compreender como acontecem os episódios de assédio sexual e o que fazem as entrevistadas após essa situação. Nesse sentido, observou-se também a ajuda que essas mulheres receberam ou a falta dessa. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa, descritiva, na qual a coleta de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas, com alunas do curso de administração de uma universidade pública, identificadas através de nomes fictícios. Com isto, constatou-se que, em todos os casos, as entrevistadas sofreram algum tipo de assédio sexual dentro da universidade e que esta ação não partiu apenas de seus colegas, mas também de seus professores, indicando forte presença dessa hierarquização de gênero socialmente construída.

Palavras-chave: assédio sexual; gênero; universidades; alunas.

ABSTRACT

In this research we sought to analyze aspects of the sexual harassment experience undergraduates within the university in the course of their graduations based on the power relationship of the socially constructed gender hierarchy. It was possible to observe how the episodes of sexual harassment and what the girls do after going through this situation. In this sense it was also possible to observe the help that these young women received or the lack of this. For this a qualitative, descriptive research was carried out in which the data collection was done through interviews half structured and with students from the administration course of a public university and identified by fictitious names. Like this, it was possible to verify that in all cases the interviewees suffered some type of sexual harassment inside the university and this action came not only from her colleagues but also from her teachers indicating a strong presence of this socially constructed gender hierarchy.

Keywords: sexual harassment, gender, universities, female students.

RESUMEN

En la presente investigación se buscó analizar los aspectos de la experiencia del acoso sexual vivenciados por alumnas dentro de la universidad durante sus graduaciones, tomando como base la cuestión de la relación de poder de la jerarquía de género socialmente construída. De esa forma, fue posible comprender cómo ocurren los episodios de acoso sexual y lo que hacen las entrevistadas después de esa situación. En ese sentido, se observó también la ayuda que esas mujeres recibieron o la falta de esa. Para ello, se realizó una investigación cualitativa, descriptiva, en la cual la recolección de datos se dio por medio de entrevistas semiestruturadas, con alumnas del curso de administración de una universidad pública, identificadas a través de nombres ficticios. Con esto, se constató que, en todos los casos, las entrevistadas sufrieron algún tipo de acoso sexual dentro de la universidad y que esta acción no partió apenas de sus colegas, sino también de sus profesores, indicando fuerte presencia de esa jerarquización de género socialmente construída.

Palabras clave: acoso sexual; género; universidades; estudiantes.

¹ Graduação em Administração - Universidade Estadual do Paraná. biaschimdt@hotmail.com

² Universidade Estadual do Paraná - maycon_doug03@outlook.com

³ Professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina (PPGA/UEL). Doutora em Administração pela FEA-USP - arampazo@icloud.com

1. Introdução

Desde os primórdios de nossa criação o modo como meninas e meninos eram ensinados a se comportar diferenciavam-se substancialmente um do outro. A menina sempre ensinada a ser calma, passiva e comportada, comportada no sentido de não questionar, não revidar, não se revoltar, “senta como mocinha”, “fecha essas pernas”. Já os meninos criados com muito mais liberdade para fazerem o que bem entendessem, instigados pela própria família a mexer com as pessoas, principalmente com as meninas, “vai lá dar um beijo na sua namorada”, e quando manifestavam algum tipo de atitude não tida como masculina: “chorar é coisa de mulherzinha”. Deixando subentendido, desde sempre, que as meninas eram inferiores aos meninos e deviam se comportar como tal.

Assim, atualmente vivemos em nossa sociedade um contexto em que a mulher é tida como subalterna, recebendo um *status* inferior ao do homem. Dado isso, percebemos que a mulher acaba sendo subjugada pelo domínio patriarcal, contribuindo assim para a contínua naturalização da objetificação de seus corpos, fazendo com que o assédio sexual aconteça de diversas maneiras, a fim apenas de exalar o poder do macho existente em nossa cultura.

O sexismo existente em nosso meio é algo tão comum que faz com que as piadas, cantadas e brincadeiras de cunho sexual, que colocam as mulheres em situações constrangedoras, sejam apenas parte de mais uma situação corriqueira na qual as mulheres enfrentam diariamente, seja em seus trabalhos, escolas, universidades ou até mesmo em seus momentos de lazer.

O assédio sexual é uma questão tão trivial para todos em nossa cultura que muitas vezes acaba passando despercebido, ou quando é identificado acaba por virar razão para gozação e mais brincadeiras que tendem a envergonhar ainda mais a mulher que sofreu com a ação.

É possível vermos reflexo dessas questões em todo lugar, mais recentemente em uma pesquisa realizada pelo instituto Datafolha mostrou que 42% das mulheres brasileiras já sofreu algum tipo de assédio sexual. De acordo com a pesquisa, feita com 1.427 mulheres, 29% destas contaram ter sido assediadas na rua, 22% delas disseram ter sofrido assédio no transporte público, 15% no trabalho e 10% disse ter passado por isso dentro das escolas ou universidades. Ou seja, sejam situações corriqueiras ou não, o assédio sexual está impregnado em nosso cotidiano.

Portando, nesse artigo, a proposta é analisar os aspectos da experiência do assédio sexual vivenciadas, estritamente, por alunas dentro da universidade, uma vez que assim como em qualquer outro espaço social, a universidade também reproduza as relações históricas em que colocam a posição feminina como subalterna com relação aos homens. Assim, a objetificação da mulher, enquanto aluna, continua naturalizada.

A estrutura do trabalho se dá, inicialmente, através de uma construção de discussões teóricas sobre o tema abordado, seguida pela metodologia empregada para a realização da pesquisa e, por fim, a análise e discussão dos dados obtidos por meio das entrevistas.

2. Fundamentação Teórica

2.1. Questão do Assédio

Podemos começar descrevendo o assédio, de uma maneira geral, como uma gama de atos e comportamentos de natureza ofensiva. Ainda que em grande parte das vezes isso aconteça de maneira descontraída, como uma brincadeira, e todos em volta riem, todo o tipo de assédio seja verbal, moral, psicológico e sexual, são investidas extremamente indesejadas e que podem vir a provocar grandes danos à saúde psicológica da pessoa agredida.

Existem tipos de assédio conhecidos por todos, como o moral, psicológico e verbal. Dentre eles, ambos têm a pretensão de causar humilhação, constrangimento, intimidação, entre outros desconfortos, através de condutas negativas, comportamentos de violência e, as mais comuns, cantadas, insinuações e

comportamentos voltados a provocar e ridicularizar a pessoa agredida. No entanto, nessa pesquisa nosso foco está voltado especificamente ao assédio sexual.

Mesmo que pareça óbvio, o assédio sexual é o tipo de assédio mais invasivo, é ele também o que mais causa danos a pessoa agredida. Nesse tipo de assédio estão envolvidos comportamentos de caráter sexual, que podem ser de forma verbal, não verbal e física, também com o propósito de constranger a vítima, de perturbar, com fundamento em sexismo. É nele que o agressor se engrandece, na medida em que rebaixa o outro e isso sem sentir-se culpado ou que esteja fazendo algo errado. Seria esse o lado mais perverso do assédio.

Embora saibamos que o assédio sexual é todo comportamento de caráter sexual indesejado, cabe uma definição concisa sobre o que é, de uma maneira ampla, o assédio sexual. De acordo com Marly Cardone (1994) assédio sexual é conceituado como:

A atitude de alguém que, desejando obter favores libidinosos de outra pessoa, causa a esta constrangimento, por não haver reciprocidade [...] Se assédio e insistência, para que exista o comportamento que estamos pretendendo definir necessário se torna que haja frequentes investidas do assediador junto à pessoa molestada (CARDONE, 1994, p. 393).

No entanto, apesar de termos como base uma definição de assédio em que nos sugere que todas as pessoas estão suscetíveis de sofrê-lo, nesse trabalho trataremos do assédio apenas sofrido por mulheres, uma vez que presumimos que tudo está ligado à questão de gênero, dado que vivemos em um meio em que as mulheres são criadas para satisfazer o desejo masculino, essencialmente, colocando a mulher como objeto.

Em vista disso, o conceito de assédio sexual que usaremos aqui é a definição dada por Teixeira e Rampazo (2017, p.7) que colocam o assédio sexual como:

A imposição do poder de gênero por meio de ações sexuais, visando dominar e/ou inferiorizar, sendo uma manifestação de uma prática social patriarcal, resultado da desigualdade de poder entre os gêneros, dependendo, portanto, de relações formalmente hierárquicas.

O que nos reforça a ideia de que o assédio sexual está ligado diretamente a questão de gênero, e que este colabora para um pensamento desnaturalizado sobre a objetificação sexual das mulheres permitindo a assimilação do caráter histórico da construção social de feminino e masculino (Teixeira & Rampazo, 2017).

2.2. Assédio Sexual Enquanto Questão de Gênero

Gênero, de acordo com Machado (1999), foi um termo criado para evidenciar que as categorias de homem e mulher historicamente construídas não estão limitadas a características biológicas, mas que apresentam implicações psicológicas e culturais. Assim, gênero está ligado à questão dos papéis praticados por ambos socialmente.

Com relação a gênero, para Costa (2008), ao nos referirmos as relações de gênero estamos falando também de poder, pois, em suas palavras, “à medida que as relações existentes entre masculino e feminino são relações desiguais, assimétricas, mantêm a mulher subjugada ao homem e ao domínio patriarcal” (Costa, 2008)

E assim, segundo Rufino (2010), apesar de sermos homens e mulheres iguais perante a lei, a mulher ainda está em situação mais vulnerável em relação ao homem. De acordo com o autor, “as mulheres são consideradas inferiores e incompetentes por seus superiores hierárquicos [,] propiciando a discriminação de forma reiterada, acarretando violência cruel e silenciosa” (Rufino, 2010, p.7), o que reforça ainda mais a questão de gênero.

Dessa maneira, o assédio pode acontecer de formas explícitas ou sutis, de forma coercitiva ou não e, deste modo, “essa violência não se restringe ao ambiente laboral e, muito menos, às relações formalmente

hierárquicas, mas recorre a uma hierarquização de gênero socialmente construída” (Teixeira & Rampazo, 2017, p.7), hierarquização essa em que a mulher é posta em um nível inferior, ficando assim mais suscetível a sofrer o assédio.

Há também a necessidade de falar da objetificação da mulher. Teixeira e Rampazo (2017) pontuam que existe uma naturalização de práticas decorrentes dessa objetificação feminina, como a da constituição de seus corpos como mercadorias e, a da constituição de uma cultura do estupro, que é diariamente banalizada. As autoras também dizem que essa constituição de identidades de mulheres objetificadas é, não somente, para seu papel estritamente reprodutivo, mas também para sustentar a necessidade de proteger a superioridade desses que tem como objetivo manter o monopólio do uso da força, no qual coloca a mulher no papel reprodutivo e, ainda, no cuidado dos que ainda vão compor essa constituição.

Sendo assim, para Teixeira e Rampazo (2017, p. 5), refletir sobre o conceito de gênero “contribui para um pensamento desnaturalizado a respeito da objetificação sexual das mulheres porque permite a apreensão do caráter histórico da construção social de feminilidades e masculinidades em meio a relações entre saber e poder na sociedade”.

Deste modo, vemos que todo esse processo apenas reforça a cultura do assédio, que é sempre naturalizada e silenciada em variados contextos sociais e, portando, não fogem as organizações, no caso, a universidade, visto que essa, como em qualquer outro espaço social, também reproduz as relações históricas que colocam a mulher em posição subalterna com relação à figura masculina.

2.3. Piadas, Brincadeiras e Cantadas como Forma de Assédio

Ainda é possível perceber que muitas pessoas assimilam as cantadas como brincadeiras, como se fossem um convite, com liberdade de ser rejeitado, colocando assim a cantada como retrato de sedução. “A cantada é uma proposta habilidosa, visando convencer o outro. Utiliza-se de rodeios, floreios, elogios, promessas, sugestões, etc. para que o outro concorde com um relacionamento amoroso” (Freitas, 2001, p.14).

Ainda segundo Freitas (2001, p.16) “todo mundo pode cantar todo mundo [...] temos até orgulho de acariciar uma pequena ousadia” referente à visão do brasileiro com relação às cantadas, o que retrata ainda mais a questão das piadas de cunho sexual e cantadas serem habitualmente naturalizadas em nosso cotidiano.

Desse modo, para Teixeira e Rampazo (2017), se o assédio sexual está relacionado com a hierarquia de poder e as cantadas não estão alheias a isso, fica evidenciada a violência já que, segundo elas “está carregada de “poder do macho”, da supremacia masculina que é hegemônica na sociedade, dado que gênero feminino possui um *status* social inferior ao masculino” (Rampazo & Teixeira, 2017, p.7).

Em vista disso, ao estarmos inseridos em um contexto em que o feminino é posto como subalterno ao masculino, é possível perceber que isto reflete em toda nossa sociedade, seja no trabalho, na escola, na universidade, espaços sociais em geral, fazendo com que haja uma contínua naturalização de objetificação da mulher.

Desta maneira, a universidade não está fora da sociedade e, portanto, toda essa ideia de subalternidade da mulher inferior é replicada nas relações entre alunas e professores e alunas e alunos. Desse modo, podemos representar a relação de poder, formalizada e institucionalizada, dentro da universidade entre professor e aluna e na hierarquia de gênero socialmente construída, homem e mulher, aluno e aluna.

2.4. Na Universidade

Piadas, brincadeiras e cantadas de cunho sexual são comumente ouvidas nos corredores das universidades, assim como cantadas ofensivas e comentários de natureza sexual de alunos ou professores

em cima de alunas, na maioria das vezes de forma descontraída, em que todos ao redor se divertem e acham normal a situação.

A universidade é habitualmente um local de formação de ideias, e desta maneira, é comum haver atritos entre os indivíduos. Como diz Chauí (2003, p.1) “tanto é assim que vemos no interior da instituição universitária a presença de opiniões, atitudes e projetos conflitantes que exprimem divisões e contradições da sociedade como um todo”. Contudo, não seria isso justificativa para comportamentos de natureza ofensiva, ou voltados a ridicularizar ou humilhar alguém, muito menos assediar sexualmente colegas da universidade. No entanto, assim como em qualquer organização social, o assédio sexual surge como uma realidade constante dentro das universidades.

Em uma pesquisa realizada pelo Instituto Avon em parceria com o Data Popular ouviu 1.823 universitários, de todas as regiões do país, na qual 60% destes foram mulheres. Destas, 67% disseram já ter sofrido alguma violência, seja sexual, moral, física ou psicológica, dentro da universidade. Entretanto, cabe ressaltar que apenas 10% das mulheres responderam diretamente que foram vítimas de alguma violência, esse número somente saltou para 67% após elas terem sido questionadas a partir de uma lista de circunstâncias violentas na qual se identificaram com as situações. Cabe ainda salientar que, 38% dos homens entrevistados reconheceram que já tenham praticado algum tipo de violência contra suas colegas dentro da universidade.

Efraim e Freitas (2017) mostram relatos de situações que acontecem nas universidades brasileiras em que as alunas foram assediadas por professores. Relatos como o do caso em que as alunas, se fossem ao banheiro, o professor parava de falar para olhar para a bunda delas. Outro em que o professor mandou um site para uma aluna de um curso para aprender a fazer sexo tântrico. E, ainda o caso aluna que ao enviar um e-mail sobre seu TCC acabou recebendo como resposta: “nossa, quer dizer que poderei admirar por mais seis meses a sinuosidade de suas curvas, a voluptuosidade dos seus lábios carnudos, o brilho sensual do seu olhar enigmático, a doce fragrância do seu perfume?”, entre outros.

E o que as universidades fazem a respeito? Segundo Freitas (2016), todas as universidades têm, em comum, casos em que as vítimas são culpabilizadas e ainda, desencorajadas a denunciar. Ainda segundo a autora, quando o assédio sexual é cometido por professores, a intimidação é ainda maior pelo fato do abusador ter uma grande influência dentro do ambiente acadêmico.

Nas universidades brasileiras de acordo com Freitas (2016), não é comum existirem políticas para conscientizar as pessoas, ou incentivá-las a denunciar, nem investigações de assédio sexual cometidos por professores ou funcionários. Logo presumimos que seja pelo fato de ninguém querer escancarar esses casos, tornar público, preferindo abafar quando acontece.

Partindo daqui, levando em consideração os conceitos abordados anteriormente sobre assédio, assédio sexual e gênero, analisaremos os casos de assédio sexual dentro da universidade, vivenciados por alunas do curso de Administração de uma universidade pública brasileira no decorrer de suas graduações.

3. Metodologia

da experiência do assédio sexual vividas por alunas dentro de uma universidade pública. Segundo Richardson (2012, p.90), a pesquisa qualitativa “pode ser caracterizada como a tentativa de compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados”.

É uma pesquisa descritiva, uma vez que buscamos obter melhor entendimento dos fatores que influenciam o fenômeno. Como afirma Gil (2002, p. 42), “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...]”.

Foram utilizadas nessa pesquisa entrevistas de forma semiestruturada, dialógicas, cujo objetivo foi levantar informações detalhadas das entrevistadas, que foram selecionadas por meio da técnica bola de neve,

em que uma entrevistada indicava a próxima, deixando claro que todas as entrevistas foram gravadas com a devida autorização delas. Essas entrevistas duraram cerca de 10 a 15 minutos, e foram feitas nas dependências (corredores, pátio, lanchonete) da própria universidade onde as entrevistadas disseram que se sentiriam mais à vontade.

As entrevistadas são alunas do curso de administração, com idades entre 21 e 26 anos, sendo quatro delas solteiras e uma divorciada. Durante a entrevista, as estudantes foram avisadas que seus nomes seriam preservados para, assim, poderem romper o silêncio sobre o assédio sexual dentro da universidade. Desta forma, os nomes das entrevistadas foram trocados aqui para garantir seu anonimato, como segue:

Quadro 1: Entrevistadas

ENTREVISTADA	SÉRIE
Maria A	4°
Maria B	4°
Maria C	4°
Maria D	4°
Maria E	2°

Fonte: Autor

Para a interpretação dos dados coletados, buscamos encontrar temas comuns, ou seja, aqueles que apareciam em todas as entrevistas. Os temas encontrados foram: a questão do assédio sexual quanto questão de gênero, brincadeiras e cantadas como formas de assédio e, como isso acontece dentro da universidade.

Buscamos como roteiro das entrevistas analisar tais questões como: como foi passar pela experiência do assédio sexual; qual a frequência em que aconteciam; como aconteceram tais episódios; quais as reações tomadas pelas entrevistadas; se estas presenciaram alguma cena com outras colegas e; se acreditavam que o assediador tinha consciência do que fazia. Em um segundo momento, as falas das entrevistadas foram interpretadas a partir da teoria.

4. Resultado e Análise de Dados

No decorrer da pesquisa foi possível constatar logo de cara que todas as entrevistadas já sofreram algum tipo de assédio sexual durante seu período acadêmico e que em todos os casos, sem exceção, o assediador foi um homem. Logo é possível presumir que toda nossa teoria sobre o assédio sexual estar relacionada à questão de gênero se faz válida. Como diz Costa (2008) em que as relações que existem entre masculino e feminino são desiguais e, assim, mantêm a mulher subjugada ao homem.

Quando as entrevistadas foram questionadas sobre como foi a situação, ou situações, de assédio sexual que passaram as respostas foram bem chocantes, como a da Maria D que disse “é só vir com uma saínda que eles já falam: chegou chegando, e eita! ta gostosa hoje”. Com a entrevistada Maria B as insinuações foram ainda mais pesadas, segundo ela “o João 1 tava meio “alteradinho” aí ele chegou em mim e falou, ah Maria B vamos transar nós três, eu você e o João 2”.

Ambas a situações foram de assédio sexual entre os próprios colegas, entretanto, a Maria A, e Maria E relataram situações ocorridas entre elas e professores. Maria A contou que o professor chegou a falar

explicitamente para ela que a queria ver usando saia, e que, além disso, ele se juntava com os demais colegas de sala para comentar sobre ela.

Já Maria E relatou as seguintes situações:

Esse professor, não sei como ele conseguiu meu número, e ficou me mandando mensagens, eu não respondia as mensagens dele, aí ele me ligava, eu não atendia, ele me encheu o saco mesmo. Até teve um dia na sala de aula que ele começou a me mandar mensagem pedindo para eu ir encontrar ele em certo lugar e eu fingia que não olhava o celular, e ele ia por trás me cutucava na frente de todo mundo, falava: olha o celular! Olha o celular! E eu não olhava.

Essa mesma entrevistada relatou outra situação, em suas palavras, “extremamente constrangedoras” com outro professor, segundo ela “como uma forma de tentar me... eu perdi a prova do 1º bimestre, então ele se aproximou de mim com essa desculpa e tentou fazer com que eu fizesse alguma coisa com ele para eu conseguir fazer a prova”, além de receber mensagens através de redes sociais e de já terem até a oferecido carona. Relatos esses muito similares aos fornecidos por Efraim e Freitas (2017) comentados anteriormente sobre as situações em que alunas foram assediadas por professores nas universidades brasileiras.

Ainda sobre esta questão, foi possível perceber que elas não sofrem assédio somente dos colegas e sim, também, dos próprios professores. Aqui podemos observar o que diziam Teixeira e Rampazo (2017, p.7) que “essa violência não se restringe ao ambiente laboral e, muito menos, às relações formalmente hierárquicas, mas recorre a uma hierarquização de gênero socialmente construída”, na qual põe a mulher em um nível inferior ao homem, naturalizando assim a questão do assédio já que ela acaba por ficar mais sujeita a sofrê-lo.

As entrevistadas relataram que se sentiram extremamente mal com as situações acontecidas, mas que tentaram ignorar sempre que acontecia, como a Maria C que disse: “eu não dou importância, eu ignoro, acho pior ficar dando importância, finjo que não é comigo”. Já entrevistada Maria A, que foi assediada sexualmente por um professor, disse:

Foi terrível, ele além de assediar você, você se vê presa numa situação ainda mais por se tratar de uma pessoa que você depende, que é um professor né, é muito complicado, você acaba sendo subordinada e tendo que ficar quieta diante daquela situação.

Maria E, que relatou ter sofrido assédio sexual também por um professor disse:

Foi horrível porque com professor a gente tem uma relação de hierarquia, então é ruim porque com aluno a gente briga, a gente fala e com professor a gente se sente muito presa, muito mesmo, inclusive a gente tem uma forma de denuncia pelo site eu descobri depois, mas essa questão da hierarquia parece que prende muito a gente [...] a gente pensa que pode sofrer alguma represália, o professor pode te prejudicar em alguma questão de nota [...].

Aqui é possível perceber perfeitamente como é dada a relação de poder, formalizada, dentro da universidade entre professor e aluna, e na hierarquia de gênero socialmente construída entre homem e mulher, aluna e aluno. Hierarquia essa na qual a mulher é inferiorizada em relação ao homem, e assim acaba ficando mais vulnerável a sofrer o assédio.

Quando questionadas sobre quais reações tiveram Marias A, B, C e D falaram que ignoraram o que tinha acontecido e continuaram a fazer o que estavam fazendo, ou então disfarçaram e saíram de cena. Já Maria E relatou que buscou ajuda com outros professores:

Eu tive a orientação de outros professores, eu procurei pra conversar sobre o assunto, pra buscar ali uma forma de denunciar, mas daí ela falou assim que sabia que era difícil de denunciar e me aconselhou a sair do campo de visão dele (professor) porque ele tem ciúme de mim quando eu estou conversando com um aluno, ele fica me mandando mensagens com ciúme, aí ela mandou sentar mais no fundo, e já que ele não gostava de me ver conversando com meninos pra eu ficar mais com as meninas e com isso ele foi

diminuindo as mensagens e parando. Eu fiquei muito triste, eu queria desistir, trancar o curso. Aí eu fui conversando com outros professores sobre isso e eu fiquei mais calma, e por isso eu não quis denunciar, porque eu não sei se essa denúncia é realmente eficaz, se funciona, a gente se sente muito presa, e é muito triste eu falar isso pra você, que eu não tive coragem.

Nessa fala de Maria E se encaixa perfeitamente no que Freitas (2016) diz, em que é comum as universidades desencorajarem as vítimas a denunciar, e que não é comum existirem políticas de conscientização ou incentivos para denúncias. Apesar da orientação desses outros professores terem sido com o intuito de ajudar Maria E, eles contribuíram na decisão dela de não denunciar, e de abafar o caso acontecido.

Elas também foram indagadas sobre acreditarem que o assediador tinha consciência do que estava fazendo, e as respostas se dividiram. Algumas delas disseram que com certeza eles têm consciência, que acham uma situação supernormal. Já Marias B e E disseram, respectivamente, “não, eles estão ali só pra fazer a piadinha, aquele momento, se eles acham que estão errados não assumem porque continuam fazendo”, e “das vezes que eu presencio, que eu tento brigar parece que não, ele não tem consciência que isso constrange e que é assédio sexual”.

As entrevistadas também foram questionadas sobre o porquê elas achavam que o assédio sexual acontecia. As respostas foram “não sei, às vezes porque eu tenho um corpo que chama atenção, falta de respeito que a pessoa tem, sem noção” de Maria A, de Maria B:

Eu acho que acontece porque a maioria dos homens são meio vadios, e não é porque as meninas vêm com roupas toda se mostrando que merecem ser assediadas, só porque elas usam aquilo que elas querem, aí por isso o cara se acha no direito assediar?!

De Maria D “porque eles acham que podem falar o que quer da mulher, tratar como quer a mulher, fazer o que quiser e a gente tem que aceitar e ficar quieta, não tem um respeito” e, de Maria E:

Eu acho que vem da cultura, pois é uma cultura machista, racista, xenofóbica que a gente tem, lesbofóbica, e o assédio vem da cultura que estabelece desde o início o que o homem usa o que a mulher usa, de como a mulher tem que se comportar, de que o homem não deve se comportar, essa separação desde pequenininho já vem contribuindo, aí a criança vai crescendo em uma sociedade assim e esse assédio sexual tende a se proliferar.

A fala da entrevistada Maria E confirma a ideia de Teixeira e Rampazo (2017), discutidas anteriormente, de que o assédio sexual seja a manifestação de uma prática patriarcal e resultado de uma desigualdade de poder entre os gêneros, colaborando assim, para um pensamento desnaturalizado sobre a objetificação sexual das mulheres.

As moças também foram questionadas quanto a deixarem de fazer alguma atividade ou de virem com vestimentas a fim de evitar situações como estas. Três das entrevistadas disseram que não, porque se sentiam “muitas seguras de si”. Já duas delas falaram que sim, Maria D disse “já deixei de vir com uma roupa porque pensei assim: não isso vai dar muito falatório”, e Maria E que disse:

Na aula desses professores eu tentava vir sem shorts, teve um tempo, quando ele ligava muito e que eu fiquei com medo dele, com medo dele ir na minha cidade, eu fiquei com muito medo desse professor, aí eu realmente deixei de usar certas roupas, de usar maquiagem, colocar brinco pra aula dele.

Nessa fala delas, na qual elas se submeteram a deixar de fazer algo para não serem alvos de assédio sexual é possível fazer uma analogia a fala de Rufino (2010), no qual afirma que mesmo sendo homens e mulheres iguais perante a lei, a mulher acaba ficando em uma situação mais vulnerável em relação ao homem, pois, no caso das entrevistadas, elas não estavam fazendo nada errado e mesmo assim tiveram que mudar seus hábitos a fim de evitar determinadas situações.

Quando questionadas sobre terem medo da violência e assédio sexual dentro do ambiente acadêmico Maria A e B disseram que sim, que temiam que pudesse acontecer algo com elas. Já Maria C disse que não, e Maria D disse “não porque eu me protejo [...] porque eu não fico andando sozinha que eu sei que é perigoso”.

Nessa fala de Maria D nos faz refletir: deveria mesmo a mulher ter que se proteger? Ou mudar hábitos corriqueiros para não ser culpabilizada por uma ação que independe dela?

As entrevistadas também foram indagadas sobre perceberem se assédio sexual era comum em seu curso e salas de aula e, assim, se elas já tinham presenciado situações com outras colegas. Apenas Maria A respondeu que não tinha presenciado nenhuma situação de assédio sexual com outra colega, em suas palavras “eu nunca vi ninguém sofrendo assédio, acho que eu fui a única [...] pelo menos nunca foi explícito como no meu caso”. Já todas as outras responderam que sim, era comum e, na maioria das vezes, acontece em forma de brincadeiras, mas que o assédio sexual acontece sim em toda a universidade. Maria B disse que se sente, muitas vezes, incomodada com os comentários de seus colegas de sala sobre as meninas, segundo ela “quando elas vêm de saia ou shorts, os meninos ficam falando coisas do tipo: será que aguenta? e, nossa ta gostosa hoje!”. Essa fala delas é confirmada por Teixeira e Rampazo (2017), de que o assédio pode acontecer tanto de formas explícitas como de formas sutis.

Por último, as Marias foram questionadas sobre o que era considerado por elas assédio sexual. Todas acharam muito difícil falar sobre isso e levaram certo tempo até formularem suas respostas. Entretanto elas responderam que o assédio sexual seria as piadinhas, as cantadas, as situações em que os homens colocam a mulher em posições de constrangimento até a situações de “pegar nos órgãos genitais” como disse Maria B. Maria E que disse que “ele vem de uma conduta que tenta constranger uma outra pessoa por causa de sexismo, por ser mulher”, e Maria A disse: “é quando a pessoa não te respeita e excede o limite da intimidade que tem com você [...] é a pessoa que não tem respeito porque você nunca da liberdade pra ela chegar e falar determinada tipo de coisa”.

Nessa questão foi possível perceber certa confusão e dúvida entre elas, pois elas tiveram dificuldade de expressar o que seria assédio sexual. E assim nos fez pensar: se elas que são assediadas ordinariamente estão com dificuldade para definir o que é o assédio sexual, às vezes já passaram por muitas destas situações sem perceber ou, percebendo tardiamente. Entretanto, em caso de não ter deixado claro anteriormente, em absolutamente todos os casos, os relatos foram de que as situações aconteciam sempre e repetidamente, não importando o que elas falassem ou fizessem, muito menos seus visíveis desconfortos. Segundo elas os assediadores, sendo tanto seus colegas quanto os professores, continuavam com as “brincadeiras” sem se importarem com as possíveis, ou não, consequências.

5. Considerações Finais

Tendo em vista os aspectos analisados na pesquisa, foi possível perceber que muitos são os casos de assédio sexual dentro do meio acadêmico e que, ainda pior que isso, existem vários casos partindo de professores. Ligado a esse fator, podemos tranquilamente pontuar que isto está ligado a questão de gênero, socialmente construída, em que a mulher recebe um *status* inferior ao do homem e que, por isso, esse tipo de violência contra ela continua sendo naturalizada.

Outro fator de importante relevância foi à questão sobre o que as entrevistadas chamavam de assédio sexual. Pela confusão demonstrada para formular suas respostas foi possível notar que nem elas sabiam direito o que é o assédio sexual e, sendo assim, é muito provável que elas já tenham passado por várias outras situações sem se darem conta do que estava acontecendo, já que brincadeiras, cantadas e piadinhas são relevadas na nossa cultura.

Um motivo que talvez possa ter inviabilizado a pesquisa está ligado ao fato de ser muito difícil para elas exporem os acontecimentos, já que muitas têm medo de denunciar. Como uma delas mesmo nos contou, preferiu abafar o ocorrido por não saber se a denúncia seria realmente eficaz e por medo de acabar sofrendo alguma represália, de ficar sendo marcada pelos professores e acabar saindo prejudicada na situação. Esse sentimento é muito comum entre elas, o de medo de denunciar, medo de se expor, medo de retaliação.

Ainda assim, foi possível analisar diferentes situações, humilhantes e constrangedoras, relatadas pelas entrevistadas, o que nos leva a seguinte reflexão: por que o ambiente acadêmico está tão permeado pelo assédio sexual? Por que as pessoas ainda insistem em achar que podem tratar a mulher e o corpo feminino como objeto? Questionamentos esses que podem facilmente serem levados a outros contextos e ambientes, como no trabalho, por exemplo.

No entanto, durante a pesquisa, vale ressaltar que pouco se encontrou sobre o tema assédio sexual e o que foi encontrado, em trabalhos relacionados ao assunto, advém do campo do direito e está, na grande maioria das vezes, relacionado ao ambiente laboral, mesmo com diversos vieses possíveis para pesquisa, visto que o assédio sexual está impregnado em nossa cultura.

Sendo assim, na possibilidade de abranger um tema pouco discutido dentro das ciências sociais aplicadas, como revelou ser o assédio sexual, seria interessante posteriores estudos sobre o assunto. Uma pesquisa interessante seria fazer com os homens dentro da universidade a fim de analisar de onde vem e entender como se constrói todo esse poder do macho enraizado na questão do assédio, assim como também um estudo com as mulheres que sofrem assédio sexual, especificamente por parte dos professores, a fim de verificar como elas conseguem se manter na universidade, mesmo sofrendo esse tipo de violação. Talvez até análises mais distintas, como por exemplo sobre a saúde psicológica das vítimas de assédio sexual. Isso para que o assunto venha à tona e seja amplamente discutido, para que não aconteça mais de ser jogado para debaixo do tapete, como parece acontecer hoje em dia.

BIBLIOGRAFIA

- Cardone, M. (1994). O assédio sexual como justa causa. Repertório IOB de Jurisprudência nº 23/94.
- CHAUÍ, M. (2003). Sociedade, Universidade e Estado: autonomia, dependência e compromisso social. Seminário: Universidade: Por que e como reformar.
- Costa, A. A. (2000). Gênero, poder e empoderamento das mulheres. Núcleo de Estudos.
- Damian, S. A., & Oliveira, J. T. D. (1999). Assédio sexual—doutrina jurisprudência e prática. São Paulo: Edijur.
- Efraim A. & Freitas H. (2017). Estudantes ainda têm receio de denunciar assédio sexual sofrido em universidades. Estadão. Recuperado em 17 agosto de 2017 de <http://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,estudantes-ainda-tem-receio-de-denunciar-assedio-sexual-sofrido-em-universidades,70001828491>
- Freitas A. (2016). Como as maiores universidades do mundo combatem o assédio sexual no campus. Jornal Nexo. Recuperado em 26 de junho de 2017 de <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/07/28/Como-as-maiores-universidades-do-mundo-combatem-o-ass%C3%A9dio-sexual-no-campus>
- Gil, A. C. (2004). Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas. 4ed.
- Instituto Avon; Data Popular (2015). Violência contra a mulher no ambiente universitário.
- Instituto de Pesquisas Datafolha (2018). 42% das mulheres brasileiras já sofreram assédio sexual. Datafolha. Recuperado em 30 de abril de 2018 de <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/01/1949701-42-das-mulheres-ja-sofreram-assedio-sexual.shtml>.
- Machado, L. M. V. (1999). A incorporação de gênero nas políticas públicas: perspectivas e desafios. Annablume.
- Richardson, R.J. Pesquisa social métodos e técnicas. 3º Edição – Revista Ampliada, São Paulo: Atlas 2012.